

---

## Mulheres e origens do campo da Comunicação, nos Estados Unidos, Brasil e demais países da América Latina<sup>1</sup>

Rayanne Elisã da Silva Santos<sup>2</sup>  
Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho<sup>3</sup>  
Universidade de Brasília – UnB

### Resumo

Este artigo visa mostrar que, apesar da presença de teorias e práticas desenvolvidas por mulheres na área da Comunicação, observa-se uma carência de representatividade feminina quando se trata de ensinar essas mesmas teorias. A partir de uma revisão bibliográfica com recorte temporal entre 2015 e 2025, utilizando como fontes o Google Scholar e periódicos acadêmicos especializados. As buscas foram realizadas com os descritores “mulheres pioneiras da comunicação”, em artigos publicados em português, inglês e espanhol. A pesquisa evidencia que muitas autoras foram fundamentais para o avanço da área, mas seguem pouco conhecidas ou são ignoradas nos currículos. Este estudo integra uma investigação em andamento, que futuramente se consolidará em uma dissertação de mestrado.

**Palavra-chave:** mulheres; comunicação; epistemologia; teorias da comunicação; estudos da comunicação.

### Introdução:

Historicamente, o campo da comunicação foi visto como um espaço ocupado e criado por homens, como exemplo a história da “fundação” reforçada por Wilbur Schramm, em seu livro clássico *The Beginnings of Communication Study In America: A Personal Memoir* (1997), que aponta o mito dos quatro pais fundadores, que intitula Carl Hovland, Kurt Lewin, Harold Lasswell e Paul Lazarsfeld como cânones do campo. “Mais precisamente, eles entraram no campo antes que existisse um campo chamado pesquisa em comunicação ou estudos da comunicação e eles criaram um” (Schramm, 1997, p. 4, tradução nossa).

Contudo Allison L. Rowland e Peter Simonson (2014) demonstram que é possível rastrear a investigação social sobre “comunicação” até meados dos séculos XVIII e XIX. Porém, foi apenas em 1940 que um campo acadêmico denominado pesquisa em comunicação começou a se organizar institucionalmente nos Estados

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: [elisayanne@gmail.com](mailto:elisayanne@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação, professora do Curso de Jornalismo da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: [rafiza@unb.br](mailto:rafiza@unb.br).

Unidos e, posteriormente, no mundo. Em 1950, o campo começava a narrar sua própria história e com isso a apagar suas mães fundadoras. Como demonstraram Park e Pooley (2008, apud Rowland, 2014) essa história se cristalizou em torno de duas narrativas:

- 1) Uma delas aparece na obra *Personal Influence*, de Katz e Lazarsfeld (1955) que é síntese da pesquisa em comunicação, iniciada em 1940, por uma equipe da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, que chegou ao pequeno condado de Erie, no estado de Ohio, para realizar uma pesquisa sobre intenções de voto da população local nas eleições presidenciais daquele ano. A pesquisa era liderada pelo sociólogo austríaco Paul F. Lazarsfeld, com um financiamento da Fundação Rockefeller, e o grupo estava ligado ao Bureau for Applied Social Research (“Escritório de Pesquisa Social Aplicada”), sediado na universidade. Para Rowland e Simonson (2014) essa narrativa retratava toda a pesquisa sobre mídia como fundamentalmente centrada em “efeitos”, apresentando o trabalho da Columbia como a correção heroica do modelo “agulha hipodérmica” da influência midiática, proposto por uma geração anterior, em grande parte anônima, redescobrimo “o povo” no processo (Lubken, 2008; Pooley, 2006, apud Rowland, 2014);
- 2) A segunda narrativa foi amplificada pelo Wilbur Schramm (1960, 1963; Schramm & Roberts, 1971) e estendida por Everett Rogers (1997), tendo início com Bernard Berelson (1959) e organizou-se em torno de quatro “pais fundadores” do campo (Lazarsfeld, Harold Lasswell, Kurt Lewin e Carl Hovland).

Como argumenta Pooley (2008, apud Rowland, 2014), ambas as narrativas eram essencialmente mitos legitimadores. Acrescentamos que esses mitos também tiveram o efeito de estreitar consideravelmente o campo, concentrando a atenção nos “pais fundadores” e apagando simbolicamente as mulheres que realizaram as pesquisas da Universidade da Columbia e de outros lugares que tornaram possível o trabalho de Lazarsfeld, Berelson e Katz.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a historiografia tradicional e apresentar algumas das pesquisas desenvolvidas nos últimos anos que buscam resgatar a trajetória de mulheres no campo da Comunicação nos Estados Unidos, no Brasil e nos demais países da América Latina. A motivação para a realização deste estudo partiu da constatação, ao longo de investigações anteriores, de que diversas mulheres

participaram das pesquisas pioneiras da área, mas tiveram suas contribuições invisibilizadas nos registros históricos bibliográficos. Para a construção deste trabalho, foi adotada a metodologia de revisão bibliográfica<sup>4</sup>, com a análise de obras já publicadas sobre o tema, em inglês, espanhol e português.

## 1. As pesquisas latino-americanas em Comunicação

Na América Latina, o jornalismo ocupou o lugar central do campo da comunicação e a área estava focada na formação acadêmica e no desenvolvimento profissional dos alunos. Por esse motivo, os professores estavam pouco orientados e preocupados sobre a investigação e o registro de si mesmos, o que para eles não lhe tira relevância histórica, como explica Yamila Heram e Santiago Gándara (2021).

Contudo, esses anos iniciais das pesquisas de comunicação na América Latina, correspondem com a criação das mais antigas escolas da região. Yamila Heram e Santiago Gándara (2021) citam alguns exemplos, que são: na Argentina, a Escola Superior de Jornalismo da Universidade de La Plata, criada na década de 1930 e reconhecida como a mais antiga e duradoura da América Latina. Há também a Escola do Círculo de Jornalistas Esportivos da Cidade de Buenos Aires, fundada em 1960 e ainda ativa, embora com outros objetivos e em outra escala de valorização.

Yamila Heram e Santiago Gándara (2021) pontuam ainda que o contexto sócio-histórico da época foi caracterizado por um processo de mobilizações populares, confrontos anti-imperialistas e lutas por transformação social. As autoras citam duas revoluções, a cubana (1959), como abertura, e a nicaraguense (1979), como encerramento. E aqui eu tomo a liberdade de acrescentar que nesta fase o Brasil estava passando pela ditadura militar que durou de 1964 a 1985, iniciado com o golpe militar que depôs o presidente João Goulart. Durante este período, o país foi marcado por forte repressão política, censura, perseguição a opositores e violações dos direitos humanos.

Simultaneamente, ocorria uma série de transformações na indústria cultural (a televisão como meio de massa, o boom das editoras) e das ciências sociais, a partir da importação de novas correntes teóricas (estruturalismo), disciplinas (semiologia), novas

---

<sup>4</sup> A proposta desta pesquisa também se insere no escopo da metapesquisa, uma vez que se dedica a investigar os referenciais teórico-epistemológicos e/ou metodológicos de estudos já realizados no campo da Comunicação. Trata-se de um movimento que, de acordo com Wottrich e Rosário, busca refletir sobre os modos de produção do conhecimento científico na área, a partir da análise crítica das escolhas metodológicas e das estratégias investigativas adotadas em pesquisas anteriores.

versões do marxismo filosófico ou cultural (a Escola de Frankfurt, o althusserianismo), combinadas com a teoria social da dependência que organizou um olhar radicalmente crítico sobre as causas do subdesenvolvimento da América Latina (Heram e Gándara, 2021).

Com os movimentos políticos e a popularização dos meios de comunicação de massa era necessário um espaço recortado das ciências humanas e sociais, onde se produzem, circulam e se reconhecem saberes específicos em torno dos meios de comunicação, da estrutura monopolista, as linguagens e a natureza ideológica de seu funcionamento dentro do sistema social. Porém os pesquisadores da América Latina construíram suas histórias a partir de genealogias e reconhecimentos aos chamados “pais fundadores” (Heram e Gándara, 2021) e deixaram de registrar seus próprios conhecimentos e acontecimentos.

## **2. A chegada dos estudos em Comunicação no Brasil**

No Brasil, as primeiras pesquisas da área de comunicação aconteceram apenas em 1967, assim como as primeiras publicações sobre as teorias da comunicação, como declara Luís Mauro Sá Martino (2011) que cita o primeiro livro como sendo *Informação. Linguagem. Comunicação* (1967), de Décio Pignatari. Mas é importante esclarecer que, antes de chegar ao Brasil, já havia estudos iniciados na década de 40, que se intensificaram na década seguinte – para, finalmente, na década de 60, se estruturar e se consolidar como um setor de produção e publicação (Martino, Luiz C., 2007). É a partir da década de 60, que, de acordo com Martino (2007), as teorias começam a ser agrupadas e tratadas como um campo de estudo. Um exemplo é o livro escrito por Melvin L. DeFleur, intitulado “Teorias da comunicação de massa”, publicado em 1966 que traz uma sistematização de algumas teorias.

Ainda de acordo com Martino (2007) é em 1960, quando as teorias começam a ser sistematizadas, ganhando assim visibilidade, que se forma a ideia de teorias da comunicação. Em outros termos, é a organização dos estudos realizados que dão força às “Teorias da Comunicação” e não apenas produção dessas pesquisas. E isso só foi possível graças à literatura da época, que foi capaz de organizar esses estudos. Por essa razão, é tão importante os livros sobre teorias, pois eles serão os responsáveis por sistematizar a produção da área.

A primeira vez em que foi sistematizada a literatura existente sobre as “Teorias da Comunicação”, no Brasil, é datada por Luis Mauro Sá Martino (2018), de 1983, um texto escrito pelo professor Venício Lima, onde se falou pela primeira vez sobre a divisão em “escolas” teóricas. Ainda, segundo Luís Mauro Sá Martino, nenhuma dessas escolas estava presente nos livros de Teoria da Comunicação, até então utilizados. Aqui é importante abrir um parêntese, pois o Luís Mauro Sá Martino está se referindo aos livros escritos em português e publicados no Brasil. Na época, já existia o livro *Theories of mass communication*, de Melvin L. DeFleur e da Sandra Ball-Rokeach, publicado na sua primeira versão nos Estados Unidos em 1966. Porém, só teve sua primeira versão traduzida em português no ano de 1989.

A classificação, usada por Venício Lima (1983), visava indicar, de forma resumida, as características básicas dos quatro modelos teóricos e metodológicos, que, para o autor, reuniam as linhas principais de estudo da comunicação social, da época. É importante frisar que o próprio Venício já considerava o modelo incompleto, mas que a ideia era apenas mostrar as diferenças entre os modelos e servir de base para estudos mais profundos.

Para Luis Mauro Sá Martino (2018), é curioso o fato de nenhuma das “escolas”, presente no livro de Venício Lima, serem usadas em outros livros sobre Teorias da comunicação. O autor, então, conclui que o que chamamos atualmente de “Teoria da Comunicação”, não era o mesmo que no passado, criando assim um panorama de dispersão muito grande, pois o que é teoria em um livro, não é em outro e escolas fundamentais para alguns autores não são nem citadas por outros.

Na pesquisa de Luis Mauro Sá (2018), ele chama atenção para outro detalhe: os números. Ele aponta para 12 teorias, divididas em 189 abordagens. Mas algo que particularmente chama atenção é para a descrição dos autores desses livros, de acordo com o autor são 133 autores e destes apenas duas mulheres. Mas será mesmo que havia tão poucas mulheres no campo de estudo? Esta é a pergunta que tentaremos responder abaixo.

### **3. A representatividade feminina no campo da comunicação**

Nos últimos anos as mulheres têm buscado os seus espaços no mercado de trabalho, na política, nas ciências e, considerando o cenário atual das pesquisas comunicaci-

onais em todo o mundo, as mulheres têm buscado o (re)conhecimento como produtoras de conhecimentos. Inicialmente, através da sua produção impressa e, nas últimas décadas, com a chegada de outras mídias, também no cinema, televisão, rádio e, mais recentemente, no ambiente online, o legado produzido pelas mulheres é pouco conhecido e/ou referenciado nos estudos da área. A presença feminina no cinema, por exemplo, tem reforçado as concepções de gênero nas perspectivas social, cultural, política, histórica, econômica, entre outras.

Para entendermos mais sobre as mulheres no campo da comunicação, não podemos esquecer a luta delas fora do campo. Para Gobbi (2022), durante os anos buscou suplantar a crítica essencialista da dualidade (mulher/homem) e se pautou no gênero enquanto categoria para análise histórica, rejeitando o caráter fixo e permanente da oposição binária, presentes na construção hierárquica da relação entre masculino e feminino.

Assim, nas revisões teóricas e nos diálogos com autoras e autores, foi possível perceber que somente o conhecimento da presença ou não das mulheres nos estudos em comunicação não seria suficiente para a proposição mais ousada, contida no projeto inicial, no sentido de uma mudança no quadro de referência das teorias comunicativas utilizadas na contemporaneidade. Destarte, era necessário recuperar a contribuição comunicativa dessas mulheres invisibilizadas, formando um repertório capaz de estimular outros olhares e significados para o conhecimento produzido. Ao resgate do sentido que Bell Hooks (2019) deu para a teoria feminista e aplicando-a à comunicação, somou-se o desejo de explorar as possibilidades que as sistematizações permitiram, trazendo o “conhecimento e a experiência vivida por aquelas mulheres e homens que vivem à margem”, buscando a “inteireza” e a “amplitude analítica capaz de abarcar uma variedade de experiências humanas” (Hooks, 2019, p. 24). Sem dúvida expandimos nossa visão sobre as questões de gênero e daquilo que tínhamos definido, inicialmente, como produção comunicativa das mulheres, na região. Um grande ganho intelectual, acadêmico, profissional e pessoal (Gobbi, Maria Cristina, 2023, p. 2-3).

Yamila Heram e Santiago Gándara (2021) acrescentam que, ao falar em Comunicação na América Latina, as obras mais citadas fazem referência aos pais fundadores, deixando nítidos a falta de visibilidade e o reconhecimento das mulheres pioneiras no campo, que muitas vezes tem seu reconhecimento de pesquisadoras reduzido e a menção ao seu nome se limita a uma citação ou nota de rodapé. Esse é o tema do livro *Pioneras en los estudios latinoamericanos de comunicación*, lançado em 2021, que apresenta a trajetória e as contribuições teóricas de mulheres que foram precursoras do pensamento comunicacional na América Latina.

Em revisões e retrospectivas da formação do campo da comunicação na América Latina, às obras mais citadas fazem referência aos pais

---

fundadores. Não há mães, para continuar a analogia familiar. O mesmo acontece se examinarmos os programas de graduação e até de pós-graduação em comunicação. Isso nos alerta para um fato tão evidente quanto invisível: as contribuições das mulheres para o campo da comunicação na América Latina — e poderíamos estender isso à geografia internacional — geralmente ocupam um lugar periférico: seus nomes, suas trajetórias, suas obras (Heram, Y.; Gándara, S., 2021, p. 25 – tradução nossa).

A ausência do nome das mulheres não é só sentida na América Latina. O mesmo aconteceu nos Estados Unidos, onde pesquisadoras tiveram reduzido o reconhecimento e cuja menção muitas vezes se limita a uma citação ou nota de rodapé. A exemplo da Dorothy Blumenstock Jones, que foi aluna de Lasswell na Universidade de Chicago, e tornou-se, durante a Segunda Guerra Mundial, chefe da Divisão de Análise de Filmes do Office of War Informações (OWI) e conseguiu fazer avanços relevantes nas análises científica de filmes enquanto ela estava no OWI e depois, como descreve a autora Rafiza Varão (2021).

Outros exemplos de nomes apagados da história da comunicação são das mais de cinquenta mulheres que estiveram envolvidas na produção de pesquisas nos projetos conduzidos pelo Princeton Radio Research Project, pelo Office of Radio Research (ORR) e pelo Bureau of Applied Social Research, estudo detalhado no artigo *The founding mothers of communication research: Toward a history of a gendered assemblage*. *Critical Studies in Media Communication*, escrito por Rowland e Simonson (2014).

Apesar da abertura para contratação de mulheres, Lazarsfeld e suas instituições mantinham a distribuição das atividades de maior prestígio principalmente entre os homens: o trabalho conceitual de alto nível, a codificação metodológica e a liderança dos projetos principais. Dentro desses limites, as mulheres desempenharam uma ampla variedade de tarefas rizomáticas, muitas das quais envolviam o que poderíamos chamar de "trabalho corporal": entrevistas face a face, análise direta de textos, manipulação de cartões perfurados para a máquina de Hollerith, operação do *Program Analyzer* de Lazarsfeld-Stanton, coordenação de entrevistadoras locais, datilografia, taquigrafia, entre outras. No ORR e no Bureau, a divisão de trabalho era fortemente marcada por gênero: as mulheres estavam mais próximas da base material e experiencial da produção de conhecimento, enquanto os homens gravitavam em torno das atividades oficialmente “desencarnadas” do intelecto — ainda que essas estivessem enraizadas na pesquisa empírica (Rowland, Allison L.; Simonson, Peter, 2014, p. 9, tradução nossa).

Mesmo assim, como mostrou Fleck (2011, *apud* Rowland, 2014), no intervalo entre os anos de 1937 e 1945, seis dos dez principais autores em termos de número de



páginas publicadas em artigos e relatórios do Bureau eram mulheres, incluindo Herta Herzog (em segundo lugar) e Marjorie Fiske (em terceiro). Porém, com o fim da guerra e o retorno dos veteranos ao ensino superior em 1947, além da crescente profissionalização da sociologia e da nova subárea da pesquisa em comunicação, o espaço para as mulheres no Bureau começou a diminuir. De 1937 a 1948, as mulheres foram autoras principais de 50% dos relatórios (55 de 109) e de 22% dos artigos publicados (23 de 106). Já entre 1949 e 1955, esses números caíram para 20% dos relatórios (29 de 147) e menos de 9% dos artigos (8 de 94) (Rowland e Simonson, 2014).

O que podemos perceber é um esforço os últimos anos, onde muitas iniciativas como publicações de livros e dossiês, pesquisas, criação de disciplinas e eventos dedicados ao tema das mulheres pioneiras da Comunicação, representam os esforços para recuperar, sistematizar e divulgar uma produção intelectual que segue pouco lida e discutida, como a Fernanda Pasian (2024), fez um mapeamento que detalha alguns livros e publicações que abordam nome de mulheres que realizaram pesquisas nessa região. Contudo quando o assunto é as pioneiras das pesquisas em comunicação no Brasil o assunto ainda é muito vago.

A problemática discutida por essas autoras e uma breve análise sobre a constituição de bibliografias das disciplinas que contemplam os estudos latino-americanos em cursos de graduação de Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil indicam que, quando a perspectiva de gênero é colocada no centro da análise, o processo educativo de formação de comunicadoras/es é um processo comunicacional desigual. Desse modo, evidenciam-se as lacunas sobre o acesso à produção e a visibilidade das pesquisas realizadas por mulheres nas primeiras décadas dos estudos latino-americanos, sobretudo nos espaços institucionais, além das dificuldades de serem reconhecidas e lidas. (Pasian, 2024, p. 99).

A importância dos avanços desses estudos é mostrar para as novas pesquisadoras a imensidão do campo da comunicação e que “a teorização feminista implica uma teoria da comunicação feminista onde ela (a mulher) se reconheça em comunicação consigo mesma” (Souza e Martinez, 2001, p.32) e vale salientar que a ideia não é excluir os homens da história do campo, mas dar crédito aquelas que também estavam presente e tiveram seus nomes apagados.

## **Considerações finais**



Tendo em vista do que foi dito e demonstrado até aqui, podemos perceber que sim existiram mulheres que foram responsáveis pelo início das pesquisas de Comunicação em toda a América, desde os Estados Unidos até o Brasil, mas elas ainda estão pouco presente nas salas de aulas, nos livros e até mesmo no imaginário dos alunos.

É necessário falar mais sobre elas, apresentar os trabalhos, pesquisar suas origens e entender que o contato com uma bibliografia mais diversa contribui para a formação profissional tanto de homens quanto de mulheres. Todavia, “o desafio está em fazer com que a dimensão de gênero se transforme em um eixo transversal que atravessasse nas nossas práticas como comunicadores e comunicadoras” (Cremona & Spinelli; 2013, p. 55 *apud* Pasian, 2024, p 105 – tradução nossa).

O próximo passo para o presente trabalho será um levantamento sobre as pesquisas das mulheres pioneiras em Teorias da Comunicação no Brasil, fazendo assim um levantamento em termos de autoras e livros produzidos as por mulheres nas primeiras décadas dos estudos comunicacionais no país e realizar uma proposta bibliográfica que possa estar disponível para estudantes e pesquisadores e pesquisadoras em Comunicação Social.

## Referências

BERKIN, Sarah Corona (2018). **A contribuição das mulheres para a pesquisa crítica em comunicação na América Latina**. *Comunicação & Educação*, 23 (2), 121-131. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v23i2p121-131>>. Acesso em: 24 out. 2024.

CAMARGO, Carolina. **O poder da presença feminina**. *Meio & Mensagem*, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/opinioao/o-poder-da-presenca-feminina>. Acesso em: 22 jun. 2025.

GOBBI, Maria Cristina. **Do silenciamento à palavra: mulheres nos estudos em comunicação na América Latina**. Portugal: RiaEditorial, 2022.

GOBBI, Maria Cristina. **Produção comunicativa das mulheres: um legado ainda pouco conhecido**. *Revista Estudos da Condição Humana (RECHU)*, v. 1, n. 1, 2023. p. 1-17. Disponível em: <https://echu.ufscar.br/index.php/rechu/article/view/9>. Acesso em: 7 jul. 2025.

HERAM, Y.; GÁNDARA, S. **Pioneras en los estudios latinoamericanos de comunicación**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: TeseoPress, 2021.

MARTINO, Luiz Claudio (org.). **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **O que foi teoria da comunicação? Um estudo da bibliografia entre 1967-1986.** Revista Comunicação Midiática Bauru, SP, v. 6, n. 1, p. 118–133, 2011. Acesso em: 22 jun. 2025. Disponível em: <<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/344>>.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Esboço de um Panorama das Teorias da Comunicação no Brasil: Uma aula inaugural.** Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP, n. 42, p. 04–17, jul. / dez. 2018. ISSN 2525-3166 ANO XXI. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/998>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

Martino, Luís Mauro Sá. (2023). **Polarização política, influenciadores e relações pessoais: uma leitura dos estudos sobre o voto de Paul Lazarsfeld.** Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. 46. 10.1590/1809-58442023118pt.

PASIAN, Fernanda. **Vozes, memórias e lugares: mapeando as pioneiras dos estudos de Comunicação na América Latina.** Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 1–23, set./dez. 2022. <https://doi.org/10.1590/1809-58442022315>

ROWLAND, Allison L.; SIMONSON, Peter. **The founding mothers of communication research: Toward a history of a gendered assemblage.** *Critical Studies in Media Communication*, v. 31, n. 1, p. 3–26, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15295036.2013.849355>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SCHRAMM, W. (1997). **The Beginnings of Communication Study in America: A Personal Memoir.** Thousand Oaks: SAGE Publications, Inc.

SOUZA, Mariane L. e MARTINEZ Jacqueline M.. **Teoria da comunicação feminista: uma explicação semiótico-fenomenológica da teorização acadêmica feminista.** In: Revista Tesseract edição n. 4 maio 2001. ISSN 1519-2415. Disponível em: <http://www.antroposmoderno.com/word/Teoria.doc>. Acesso em 9 de julho de 2017.

VARÃO, Rafiza. **A first glance at the work of Dorothy Blumenstock Jones.** Revista Mediterránea de Comunicación, da Universidad de Alicante. Grupo de Investigación Comunicación y Públicos Específicos (COMPUBES), v. 12, n. 3, p. 17-34, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.14198/MEDCOM.19325>>. Acesso em: 25 de outubro de 2024.

WOTTRICH, Laura; ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Metapesquisa e metodologia: apontamentos iniciais.** In: WOTTRICH, Laura; ROSÁRIO, Nísia Martins do (org.). **Experiências metodológicas na comunicação.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 34–51. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2022.95514>. Acesso em: 08 jul. 2025.